

## TENDÊNCIAS DA COOPERATIVIZAÇÃO ENTRE OS ORIZICULTORES DE SANTA MARIA - RS\*

Hermiro Teixeira Mendes Filho \*\*

### RESUMO

O estudo focaliza a disposição dos orizicultores quanto a filiação às cooperativas agrícolas de comercialização de arroz, analisando-se as diferenças nas relações entre variáveis das características sociais do orizicultor e sua tendência à cooperativização. Os resultados obtidos sugerem haver tendência favorável à cooperativização. A idade e a forma da atividade associativa, foram as características sociais que revelaram maior influência no sentido da tendência do orizicultor à cooperativização.

### INTRODUÇÃO

A cooperação se caracteriza como um fenômeno social de efeitos sinérgicos. As origens do movimento cooperativo e seu desenvolvimento a partir de 1844 na Inglaterra, apoia-se no poder da cooperação como veículo para operar a reorganização orgânica da sociedade liberal. O novo modelo social harmônico fundamenta-se na solidariedade de grupo. Sua forma e conteúdo propiciou a geração de outras modalidades formais de cooperação adaptadas aos valores sócio-econômicos e culturais do ambiente social, nas diversas partes do mundo.

O empresarialismo cooperativo se constitui na forma mais pragmática do cooperativismo. As cooperativas neste sistema se caracterizam por organizações de empresários constituídas para defender os interesses econômicos individuais do grupo.

O cooperativismo agrário nas sociedades desenvolvidas se consolida como um dos setores importantes, não só do Setor Cooperativo como de toda a economia.

Nos países da Europa Ocidental as cooperativas agrárias representam uma poderosa força em diversas etapas da agricultura, principalmente na produção, transformação e comercialização.

\* Artigo extraído da Dissertação de Mestrado de mesmo título apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Extensão Rural da UFSM.

\*\* Engº Agrº, MSc. Extensionista, CEPLAC/Centro de Extensão. Ilhéus/Itabuna, BA.

A própria vida econômica desses países tem determinado o desenvolvimento do cooperativismo agrário em particular. Na Alemanha, França, Irlanda e Países Baixos por exemplo, as cooperativas agrícolas chegam a assumir 100% da transformação de derivados lácteos e de alguns produtos agrícolas e cerca de 85% da comercialização da produção agropecuária (RAMOS, 1987, p.130).

Nos países subdesenvolvidos, o cooperativismo agrário tem funcionado sobretudo como um instrumento político do Estado para promover o desenvolvimento da agricultura. Nestes países a integração das cooperativas agrícolas na estratégia do plano e da concepção oficial de desenvolvimento tem por objetivos assegurar impulsos de crescimento que beneficiem a melhoria das condições sócio-econômicas e culturais de ampla camada da população (BENECKER, 1980, p.77).

Nos programas de desenvolvimento rural de países da África Oriental e Ocidental, as cooperativas agrícolas se caracterizam por organizações de estrutura integrada, ajustadas às condições sócio-econômicas. Na Tunísia e no Kênia as cooperativas agrícolas fomentam a produção dos sócios, estimulando a participação individual e o interesse pessoal dos seus membros. Na Zâmbia e Tanzânia prevalece o modelo cooperativo de colonização no qual as cooperativas buscam a modernização da agricultura e a formação de um mercado de abastecimento cooperativos (DÜLFER, 1975, p.88-101).

No mundo subdesenvolvido, contudo as experiências cooperativas na agricultura têm representado relativa participação nas economias. Na Índia, o sistema cooperativo agrário assume cerca da metade da produção açucareira e as usinas de produção de derivados lácteos das cooperativas leiteiras do estado de Gugarat, situam-se entre as maiores e mais modernas do mundo (LAIDLAW, 1980, p.10).

Entre os países do Mercosul, Argentina e Brasil são os de maior tradição em cooperativa. As cooperativas agropecuárias na Argentina participam de modo significativo na economia primária, abrangendo em torno de 32% da produção orizícola, 70% da produção láctea e derivados e 80% da sua comercialização e 50% da comercialização de cereais (BOSSA e COSTA, 1987, p.65-91).

No Brasil, o faturamento das cooperativas agrícolas em 1988 representou cerca de 40% do PIB. O segmento cooperativo agrário tem respondido por cerca de 93% do total do faturamento do sistema cooperativo brasileiro com participação principal no campo da comercialização e em menor escala na área de transformação de produtos primários.

Na produção nacional de alguns produtos como o algodão, cevada e trigo, a produção e comercialização cooperativadas alcança os respectivos índices em torno de 39%, 42% e 64%. E, a abrangência nacional de cooperados pelo segmento agrário chega a quantidade de 1,057 milhão de filiados às 1438 cooperativas (OCB, 1992, p.3-70).

No estado do Rio Grande do Sul o sistema cooperativo agrário registrou em 1990 um número de 373,17 mil produtores cooperados nas 187 cooperativas agropastoris. Com base nos dados de 1989, verifica-se que a participação do segmento cooperativo na produção primária gaúcha foi de 78% do trigo, 70% das lãs, 66% dos ovinos, 62% da produção leiteira e 46% da produção orizícola (OCERGS, 1990, p.33-35).

A nível de Santa Maria observa-se que as cooperativas agrícolas de comercialização de arroz não têm alcançado expressiva participação na produção e comercialização, conseqüentemente não têm influenciado as decisões dos produtores quanto à filiação. Em 1990, as duas cooperativas arroseiras - COCAL e COOPSIL - abrigavam cerca de 180 cooperados. Como principais atores e beneficiários do processo cooperativo a investigação procurou respostas sobre as tendências dos orizicultores à cooperativização, examinando suas relações com algumas características sociais destes produtores.

Especificamente pretende-se, verificar os motivos que segundo os orizicultores são aceleradores e restritivos à cooperativização e antecipar perspectivas às cooperativas agrícolas de arroz de Santa Maria.

## **METODOLOGIA**

O estudo se realizou entre os orizicultores do município de Santa Maria, registrados no cadastro da unidade local do Instituto Riograndense de Arroz/IRGA.

O método da investigação foi hipotético-dedutivo com aplicação de questionário para o levantamento de informações. Através de uma amostra aleatória simples foram selecionados 45 orizicultores dos cadastrados no IRGA.

A coleta de informações foi obtida através da técnica da entrevista estruturada padronizada. O questionário constou de 184 perguntas estruturadas e não-estruturadas distribuídas em duas principais dimensões:

- a) Características gerais dos orizicultores;
- b) Relacionamento dos orizicultores com as cooperativas agrícolas.

As entrevistas foram realizadas pelo pesquisador em ambiente familiar do entrevistado em forma oral e individual. O tratamento estatístico visou descrever as características da população e inferir sobre as relações entre as variáveis consideradas das características sociais dos orizicultores e a tendência à cooperativização.

A prova de significância da diferença, escolhida e aplicada através do software SAS System foi o da estatística do qui-quadrado corrigido por continuidade. O nível de significância pré-estabelecido foi de alfa igual a 0,10.

As variáveis sociais consideradas foram: idade, local de residência, número de familiares participantes na atividade agrícola, escolaridade, origem da dedicação ao trabalho agrícola, orientação da finalidade do trabalho agrícola, tempo de dedicação à agricultura, forma da atividade associativa, exposição aos veículos audiovisuais e impressos de comunicação, regime de posse da terra, tamanho da área explorada com a agricultura, forma do trabalho agrícola, volume da produção agrícola, consciência de dificuldades na atividade agrícola, origem das dificuldades da atividade agrícola, intensidade de conhecimento do mercado agrícola, distância do serviço da cooperativa à unidade agrícola, significado percebido das cooperativas agrícolas, conhecimento dos ideais cooperativos, expectativas relacionadas com as cooperativas agrícolas e credibilidade das cooperativas agrícolas.

## EVIDÊNCIAS ENCONTRADAS

Os resultados revelam que a tendência dos orizicultores à cooperativização é positiva, numa proporção de .78 dos casos favoráveis, contra .16 desfavoráveis e .06 de outras categorias.

A análise das características sociais permitem afirmar, ao nível de significância adotado, que os orizicultores mais idosos se mostram com maior tendência à cooperativização do que os mais jovens. Este resultado deve ser considerado no repensar do futuro dos sistemas cooperativos.

A relação expressa pela forma da atividade associativa, é a de que a decisão à filiação a associações está principalmente vinculada a reciprocidade da ação. Assim é que a forma receptiva da atividade associativa se mostrou mais significativa que a forma contributiva. Neste sentido, há indicações ao nível de 11% de probabilidade de haver vinculação direta entre atuação receptiva e a filiação à cooperativa.

Dentre os motivos à filiação, os insucessos das cooperativas que alimentam a falta de credibilidade, a falta de benefícios, a autonomia do produtor dos serviços prestados pela cooperativa e a satisfação com os engenhos se caracterizam como restritivos, enquanto, a necessidade por serviços da cooperativa, o fornecimento de materiais agrícolas, o repasse de benefícios governamentais e de bons preços de comercialização, funcionaram como os principais motivos aceleradores da cooperativização.

Finalmente, segundo as tendências verificadas neste estudo, as perspectivas para as cooperativas de comercialização de arroz de Santa Maria, ficam num plano otimista, desde que, segundo os produtores, estabelecidas condições de seriedade da gestão administrativa, pois 67% dos orizicultores não depositam confiança nas administrações.

## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, J.A. **Pesquisa em extensão rural: um manual de metodologia**. Brasília, MEC/ABEAS, 1989.

- BENECKER, D.W. **Cooperação & Desenvolvimento: o papel das cooperativas no processo de desenvolvimento econômico nos países do Terceiro Mundo.** Porto Alegre, Coojornal, 1980 (Coleção cooperativismo debate 2).
- BOSSA, J. e COSTA, R.L. Argentina. In: **Las cooperativas en América Latina.** Org. Dieter W. Benecker e R. Eschenburg. São Leopoldo, UNISSINOS, 1987 (volume II).
- DÜLFER, E. **La eficiencia de las cooperativas agrícolas en los países en desarrollo.** Roma, FAO, 1975 (Cadernos de fomento agropecuário, nº 96).
- LAIDLAW, A.F. **As cooperativas agrícolas no ano 2000.** Belo Horizonte, OCEMIG, 1980 (Coleção ato cooperativo, nº 1).
- ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS - OCB. **Anuário do cooperativismo brasileiro.** Brasília, OCB, 1992.
- ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL - OCERGS. **O cooperativismo gaúcho.** Porto Alegre, OCERGS, 1990 (Coleção história do cooperativismo).
- RAMOS, F.S. **La cooperativa agrária.** Barcelona, CEAC, 1987 (Biblioteca de cooperativismo).